



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARCELO CARABAGIALLE

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-362

Entrevistado: Marcelo Carabagialle

Nascimento: 07/08/1974

Local da entrevista: Petrópolis Tênis Clube, Porto Alegre - RS

Entrevistador: Rodrigo Vieira Bulso

Data da entrevista: 02/10/2013

Transcrição: Girlei Both de Matos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Girlei Both de Matos

Total de gravação: 11 minutos e 44 segundos

Páginas Digitadas: 6

Observações:

Entrevista realizada para a disciplina Estudos Sócio-culturais III realizada na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção do entrevistado no esporte; Formação em Licenciatura em educação física; Formação teórica no tênis; Arbitragem no tênis; Participação como árbitro em torneios nacionais e internacionais; Preparação da arbitragem antes de competições; Carreira como árbitro; Remuneração de arbitragem no tênis.

Porto Alegre, 02 de outubro de 2013. Entrevista com Marcelo Carabagialle a cargo do pesquisador Rodrigo Vieira Bulso para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Meu nome é Marcelo Carabagialle sou formado em Educação Física pela UFSC¹ com aprofundamento em Tênis, professor de tênis há vinte anos e arbitro da CBT² há um ano.

R.B. – O que te levou a praticar este esporte? Você já praticava quando você era menor?

M.C. – Não, não. Na verdade eu era um teórico do tênis, eu gostava de ver, eu gostava de ler a respeito, de estudar a respeito, mas minha primeira vez no tênis foi na universidade. Quando eu entrei na universidade eu tive o contato, fiz a disciplina de tênis, isso em 1993, e nisso surgiu a ideia, junto com outro professor e outras pessoas do tênis da universidade, da gente criar o núcleo de estudo de tênis de campo onde eu comecei a dar aula e através de estudos e projetos de extensão que eu comecei a trabalhar com o tênis.

R.B. – E foi mais difícil para ti começar a trabalhar com tênis já que você não era jogador?

M.C. – Trabalhar não. O que é difícil, claro, tem as questões técnicas, as questões práticas, ali do dia-a-dia que você demora, leva um pouco mais de tempo do que quem já trabalhou com o tênis. Mas a grande dificuldade na verdade foi a aceitação porque esse é um meio que as pessoas se conhecem desde pequeno, crescem jogando juntos, então, quando aparece uma pessoa que não é do meio eles olham com certa estranheza. É um “estranho no ninho” então foi uma dificuldade a mais que eu tive que conquistar o meu espaço porque ninguém me conhecia; era um cara que não veio do tênis, um cara que ninguém conhecia e apareceu assim para eles; caiu de paraquedas então fica mais difícil. você tem que mostrar, você tem que provar que você merece estar ali, não deveria mas é isso que acontece.

R.B. – E como é que você fez para virar árbitro de tênis?

¹ Universidade Federal de Santa Catarina

² Confederação Brasileira de Tênis

M.C. – Bom, eu sempre trabalhei informalmente como árbitro, tanto na universidade, onde eu organizava os torneios universitários; eu fui técnico de equipe de competição por muito tempo e eu acabava me envolvendo sempre, estudando regras. As pessoas as vezes não se preocupam muito com essa parte de estudar regras, e eu sempre me interessei em estudar, isso em qualquer esporte e eu sempre gostei dessa parte. Nos clubes eu sempre organizava os torneios, procurava entender como era, sempre gostei dessa parte de arbitragem e eu resolvi assim porque era para oficializar uma coisa que eu já gostava. Como é que eu vou dizer, não é oficializar, a palavra é... enfim, me formalizar, digamos assim, porque eu atuava como árbitro informalmente, eu trabalhava em arbitragem da federação dentro de clubes mas tudo informal, eu não era árbitro federado e eu resolvi fazer o curso para isso. Para ser uma experiência a mais também para abrir novos desafios, novas portas, tanto que isso me trouxe outras oportunidades de trabalho paralelo às aulas de tênis. A parte financeira também ajuda, e se eu tivesse começado e até recomendo, até para ti, que é novo, que é uma área interessante, dá para construir uma carreira muito interessante com árbitro de tênis muito interessante.

R.B. – Você já participou de torneios internacionais, a nível nacional como árbitro?

M.C. – Sim, eu já trabalhei como árbitro auxiliar em torneios de nível nacional, e já atuei em *Challenger*³ também que são torneios profissionais com premiação de trinta e cinco mil dólares como juiz de linha, como árbitro auxiliar em torneios nacionais e como árbitro, juiz de linha em torneios de *Challenger* profissionais e como árbitro geral em torneios regionais, essa é minha experiência dentro da arbitragem.

R.B. – E tem alguma preparação específica antes dos torneios, preparação para a arbitragem?

M.C. – Não, na verdade você tem que saber as regras. Isso é fato: as regras, as suas implicações, as suas aplicações, você tem que estudar bastante a mecânica... É que cada torneio requer uma coisa então, por exemplo, quando você é árbitro geral, a tua atuação é muito mais antes, fazendo a programação, fazendo as tabelas, colocando os jogos. Quando você tem árbitros auxiliares que trabalham contigo você tem que orientá-los, você tem

³Torneio de tênis profissional.

que... Quando você trabalha de árbitro auxiliar já é o contrário, então, você trabalha bastante no dia do torneio porque você tem que ficar nas quadras, tem que ficar atento. Uma quadra que está dando problema, tem que ver se lá está mais tranquilo, você já deixa rolar o jogo mais tranquilo; quando se é juiz de linha é muito foco, você tem que ficar focado o tempo todo, você não pode ter um segundo de desatenção, que aquele um segundo ... Então depende do tipo de competição que você vai trabalhar mas não precisa de uma preparação... Você tem que estar focado naquilo que você está fazendo, isso é fato, é uma atividade, não vou dizer uma profissão; é uma atividade que requer teu foco assim constante. Constante!

R.B. – E tem como fazer uma carreira apenas como árbitro?

M.C. – Tem, como eu te falei. Mas você tem que começar cedo. O cedo que eu falo é no máximo 20 e 22 anos, porque é uma carreira longa, tem várias etapas. Então no começo, o que vai acontecer? Você vai trabalhar finais de semana em torneios de nível no máximo estaduais; uma vez, duas vezes por mês você vai trabalhar no torneio já no nível nacional e os torneios *Challenger*; você vai trabalhar três, quatro vezes no ano nisso, a não ser que você se predisponha a viajar para lugares mais longe porque como é que funciona? A CBT quando ela chama os árbitros, ela dá prioridade para a questão geográfica. Então, por exemplo, torneio em Porto Alegre vai precisar de vinte juízes de linha; eles vão procurar primeiro na região metropolitana de Porto Alegre, se não fechar eles vão procurar na região pouco mais próxima; se não tiver eles vão procurar no estado, se não der, até fechar, então eles só vão pegar árbitros de fora se realmente não fechar. Então o que acontece? Para você seguir, você tem trabalhar mais vezes então acontece muito isso: quando a pessoa quer seguir ela entra em contato com a CBT e diz: “vai ter um *Challenger* no Rio de Janeiro, eu quero participar, eu quero trabalhar”. Então a CBT faz o que? Eles te pagam a diária e a alimentação; hospedagem e viagem é por sua conta e risco. É um gasto? É, mas você vai pegando experiência, você vai ficando conhecido, as pessoas vão te ver trabalhar então quem quiser fazer isso, quem quiser seguir vai ter que fazer isso no início para poder estar no ritmo e estar no meio do pessoal para poder adquirir experiência.

R.B. – Sim, você já participou ou já recebeu convite para participar de grandes eventos?

M.C. – O maior assim agora foi para os jogos de exibição que teve de uma marca, da *Gillette* que não foi bem um convite. A CBT mandou uma questão de disponibilidade, porque funciona assim: não é um convite propriamente dito, eles mandam um contato de disponibilidade, então nós temos que falar se nós temos disponibilidade para aquele evento; então eu recebi para esse mas não deu e agora ontem eu recebi para as Olimpíadas de 2016⁴ que vai ter um curso, um treinamento para juízes de linha especificamente para trabalhar nos Jogos Olímpicos de 2016.

R.B. – Você não pretende participar?

M.C. – Não. Esse não porque o meu foco agora não é seguir na carreira de arbitragem. Tenho outras prioridades e não tenho como, porque eu vou precisar, como eu te falei vou precisar de tempo, porque só para as Olimpíadas agora com o curso são dois dias durante a semana, então, eu não tenho como largar o meu trabalho para ir. E nas olimpíadas vai ser pelo menos vinte dias fora, que vai ter que deixar tudo. Por exemplo: um *Challenger* você tem que ficar disponível pro evento nove dias. Então não tem como, por isso que é interessante quando começar, começar cedo porque daí você não tem uma coisa formal, você está no início de uma vida profissional e você consegue fazer essa carreira e quando você chegar num estágio de ter que participar de vários torneios, você já está se mantendo só com a arbitragem, você não precisa de outra atividade para se manter.

R.B. – Como é que é a remuneração de árbitros nos torneios, juiz de linha?

M.C. – Também depende do nível da arbitragem. Por incrível que pareça os torneios que você trabalha como árbitro auxiliar você recebe mais do que os *Challenger*, só que a diferença é que assim: nos *Challenger* você trabalha sempre uma proporção de uma hora e meia no máximo, no máximo, dentro da quadra por meia hora, às vezes uma hora fora da quadra, tem esse rodízio. Então, por exemplo, dentro de um jogo vai passar às vezes cinco ou seis, dependendo do tempo vai passar até quatro ou cinco juízes, rotações de juízes de linha. Num torneio como árbitro auxiliar não, você já começa a trabalhar oito horas da manhã e vai até a hora que o torneio termina, daí dezesseis horas de torneio. Mas se você for convidado, te mandam por e-mail perguntando tua disponibilidade, você recebe a

⁴ A serem realizados no Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

alimentação, a hospedagem e o transporte também no caso de ser em outra cidade. Em termos de valores, em torneios como árbitros auxiliares é cento e vinte reais a diária e em *Challenger* é cem reais.

R.B. – Incrível. Bom Marcelo, muito obrigado pela entrevista.

M.C. – Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]